

A centralidade dos pobres na vida da Igreja

Joaquim Jocélio de Sousa Costa

Cadernos de Estudo OLS N.º 006 | Janeiro de 2025



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

A centralidade dos pobres na vida da Igreja

Joaquim Jocélio de Sousa Costa



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

Cadernos de Estudo OLS N.º 006 | Janeiro de 2025

Cadernos de Estudo OLS • No. 006 • Janeiro de 2025
ISBN: 978-9915-9699-5-4

* * *

Conselho Observatório Latino-Americano da Sinodalidade

Agenor Brihthenti
Silvia Cáceres
Edward Guimarães
Moema Miranda
Alejandro Ortiz
João Décio Passos
Carlos Schickendantz
Consuelo Vélez

Autor

Joaquim Jocélio de Sousa Costa

Direção editorial

Óscar Elizalde Prada
Rosario Hermano

Revisão de estilo

Óscar Elizalde Prada

Projeto gráfico

Giovanny Pinzón Salamanca

Design e layout

Milton Ruiz Clavijo

Capa:

Milton Ruiz Clavijo

© 2025, Observatório Latino-Americano da Sinodalidade
Juana de Arco 3324 – CP 11700
Montevideo – Uruguay.
Telefone: (598) 99 177 138
E-mail: observatoriosinodalidad@gmail.com
www.observatoriosinodalidad.org

O Observatório Latino-Americano da Sinodalidade é liderado pela Fundação Ameríndia e apoiado pela Porticus. Esta publicação pode ser reproduzida com citação da fonte.

Nos debates sobre sinodalidade os pobres ainda são só um apêndice ou anexo. Se fala do papel das mulheres, da ordenação de diaconisas, da ordenação de homens casados, da participação dos leigos e das leigas nas decisões eclesiais, da acolhida dos LGBTQIAPN+, do cuidado com a Casa Comum. Todos pontos importantíssimo na caminhada sinodal. Contudo, os pobres mal aparecem.

O grupo de excluídos e marginalizados é enorme e não inclui só a dimensão econômica, isso é verdade. Porém, não podemos esquecer que a primeira das opressões, a qual piora todas as outras, é a econômica. As mulheres, os negros, os LGBTQIAPN+ são marginalizados, mas se forem pobres, sua condição de marginalização piora ainda mais. Por isso, nos debates sobre sinodalidade, é importante não perder de vista que o ‘caminhar juntos’ não é de qualquer modo nem para qualquer lugar. É um caminhar com os pobres e em saída para as periferias.

Se a Igreja tiver participação dos leigos nas decisões, eficientes conselhos paroquiais e diocesanos, mas não assumir a centralidade dos pobres, não se preocupar com a transformação da sociedade para que o mundo seja mais justo e fraterno, ela continuará sendo uma Igreja autorreferencial. Poderá ser até menos monárquica e mais democrática, mas não será evangelicamente sinodal.

A centralidade dos pobres na vida da Igreja

Introdução

“Desejo uma Igreja pobre para os pobres (...) A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no do caminho da Igreja” (EG 198). Essa reflexão feita pelo papa Francisco, e repetida tantas vezes nestes anos do seu ministério pastoral, apenas reafirma algo que é uma verdade fundamental da fé: a centralidade dos pobres na vida da Igreja. Contudo, paradoxalmente, apesar de ser um ponto fundamental da fé, ele foi tantas vezes negligenciado na história da Igreja e ainda hoje continua sendo. Lamentavelmente, muitos consideram que tal questão não tem importância ou mesmo é uma invenção de grupos ideológicos dentro da Igreja.

Diante disso, é necessário recordar que tudo que a Igreja ensina e faz não tem sua razão nela mesma, mas em Jesus de Nazaré, seu fundamento e sentido de todo o seu agir. Assim, a centralidade dos pobres não é criação de Francisco, dos teólogos da libertação ou de que grupo for. É aspecto constitutivo da fé, pois foi o

próprio Jesus que a assumiu em fidelidade ao Pai e levando em plenitude a própria revelação de Deus como um Deus libertador e defensor dos pobres.

Desse modo, desejamos desenvolver esta reflexão sobre a centralidade dos pobres na vida da Igreja, explicitando seu fundamento, que é Jesus de Nazaré. Apresentaremos, em seguida, o processo eclesial de retomada dessa centralidade dos pobres na história recente. Depois tiramos algumas conclusões sobre desafios atuais para assumirmos um autêntico compromisso com os pobres.

1. E o Verbo se fez pobre

A encarnação é um dos fatos fundamentais da fé. Mas ela precisa ser devidamente assumida. Nem sempre fomos consequentes com a encarnação. O Evangelista João inicia seu Evangelho falando sobre ela a partir do termo grego *Lógos*. O mesmo tem uma abrangência grande de significados: palavra, discurso, razão, verbo etc. Após dizer que o Verbo estava com Deus e era Deus (cf. *Jo 1,1*), João afirma que o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf. *Jo 1,14*).

Olhando para o Evangelho de João como um todo e os demais Evangelhos, percebemos claramente que esse “se fez carne” não foi de qualquer jeito nem aleatório. O Verbo de Deus se encarnou, se fez carne, numa realidade específica, concreta e esta realidade não foi por acaso, mas foi a expressão máxima das opções de Deus, da sua ação libertadora.

1.1 A revelação do Deus libertador e companheiro dos pobres

O que aconteceu em Jesus foi a revelação de Deus levada às últimas conseqüências. Deus havia se revelado como companheiro do povo em suas tribulações, como Deus libertador e defensor dos pobres desde o Antigo Testamento. Afinal, a fé de Israel surgiu “na origem do seu próprio povo, em um processo de libertação. A concepção israelita de Javé, o Deus do povo hebreu, está indissolúvelmente ligada à experiência de libertação da escravidão do Egito”¹.

É o que apresentam algumas das primeiras narrativas da Escritura: “os filhos de Israel gemiam sob o peso da escravidão, e clamaram; e do fundo da escravidão, o seu clamor chegou até Deus” (*Ex 2,23*). Por isso Deus foi ao encontro de Moisés para guiá-lo na libertação do povo: “eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios” (*Ex 3,7-8*). Esse mesmo Deus libertador deu orientações/leis para o povo viver bem e ser solidário com os pobres: “quando no seu meio houver um pobre, mesmo que seja um só de seus irmãos, numa só de suas cidades, na terra que Javé seu Deus dará a você, não endureça o coração, nem feche a mão para esse irmão pobre” (*Dt 15,7*).

Deus enviou juízes para libertar o povo quando era oprimido: “quando Javé lhes fazia surgir juízes, Javé estava com o juiz e os libertava dos inimigos durante toda a vida do juiz. Porque Javé se compadecia dos gemidos deles frente à tirania dos opressores” (*Jz 2,18*). Constituiu reis para governar com justiça e como defensores dos oprimidos: “que ele governe teu povo com justiça, e

teus pobres conforme o direito (...). Que ele defenda os pobres do povo, salve os filhos do indigente e esmague os seus opressores” (*Sl* 72,2.4). Até a visão do povo de história “parte do pressuposto de que o transcurso da história toda tem de ser crido como sendo uma única grande ação de Deus (...). Dessa maneira, a teologia da história vem a ser, em Israel, uma forma de resistência contra tudo o que contradiz a história como ato de libertação de Javé”².

Deus também enviou profetas para garantir que o direito e a justiça acontecessem na terra, afinal, “profecia é a voz que Deus emprestou à agonia silenciosa, aos pobres saqueados, às riquezas profanadas do mundo”³. Eles também recordavam que a liturgia/oração não podia estar separada da vida: “escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito? Inimigos do bem e amantes do mal, vocês esfolam o povo e descarnam os seus ossos” (*Mq* 3,1-2); “parem de trazer ofertas inúteis. O incenso é coisa nojenta para mim; luas novas, sábados, assembleias... não suporto injustiça junto com solenidade” (*Is* 1,13).

A própria sabedoria de Israel era pautada no temor do Senhor que estava profundamente ligado ao amor ao próximo: “quem zomba do pobre insulta o Criador” (*Pr* 17,5); “a ti se abandona o indefeso, para o órfão tu és um socorro (...). Javé, tu ouves o desejo dos pobres (...) fazendo justiça ao órfão e ao oprimido” (*Sl* 10,14.17.18); “os pequenos serão perdoados com misericórdia, mas os poderosos serão examinados com rigor” (*Sb* 6,6).

1.2 Em Jesus de Nazaré, Deus se fez periferia

Em Jesus, Deus leva até as últimas consequências sua parcialidade fundamental pelos pobres e oprimidos. Como nos narra Lucas, Jesus era filho de uma pobre camponesa de um povoado tão humilde que nem é mencionado antes na Escritura: Nazaré (cf. *Lc 1,26-27*). O Senhor nasceu em meio a um recenseamento do Império, ou seja, mais uma forma de exploração para o império quantificar seus súditos e quanto de imposto tirar deles (cf. *Lc 2,1-5*). Sua família sofreu com a falta de moradia, o menino foi colocado num coche de alimentar animais, porque na casa não havia lugar para eles (cf. *Lc 2,7*). Seus visitantes foram os pobres pastores de Belém, vistos como impuros e até marginais. O próprio sinal do nascimento do Salvador era a pobreza, estar envolto em faixas, simples paninhos (cf. *Lc 2,12*).

Mateus também narra como a vinda do Salvador se deu em solidariedade aos oprimidos desse mundo. Ele não diz onde aconteceu o anúncio, embora leva a entender que foi em Belém da Judéia onde o menino nasceu, pois escreve que só tempos depois foram morar em Nazaré: “depois de receber aviso em sonho, José partiu para a região da Galiléia e foi morar numa cidade chamada Nazaré” (*Mt 2,22-23*). De qualquer modo, apresenta o próprio Jesus crescendo na região periférica e mal vista da Galiléia das Nações (cf. *Mt 4,15; Is 8,23*), terra que recebeu essa expressão “das nações” ou “dos gentios” por ser muito próxima de povos pagãos e, assim, sofrer influência, não sendo tão rigorosa nos costumes judaicos como a região da Judéia.

Mateus ainda apresenta Jesus recebendo a visita de magos do Oriente, pagãos, astrólogos (cf. *Mt 2,1-12*), cuja vida era reprovada pela lei: “não haja em seu meio alguém (...) que faça presságio,

pratique astrologia, adivinhação ou magia, nem que pratique encantamentos, consulte espíritos ou adivinhos, ou também que invoque os mortos. Pois quem pratica essas coisas é abominável para Javé” (*Dt 18,10-12*). E justamente os magos reconheceram Jesus como Salvador, enquanto Herodes e sua corte, supostamente adoradores do Deus de Israel, não foram capazes de reconhecer.

Além do mais, o menino foi refugiado com seus pais, fugindo da tirania de Herodes para o Egito e retornando só com sua morte (cf. *Mt 2,13-23*). Em Jesus, não só Deus se fez homem, Deus se fez periferia, Deus se fez pobre e habitou entre nós em solidariedade a todos os oprimidos e marginalizados.

Durante toda a sua vida, Jesus foi consequente com a missão que o Pai lhe confiou assumindo essa solidariedade. Anunciou o Reino de Deus, que é dos pobres (cf. *Mt 5,3; Lc 6,20*); chamou um grupo de discípulos para estar mais próximo, que era composto de gente desprezada pela sociedade de então (cf. *Mt 3,13-19*). Assim, “o círculo dos discípulos de Jesus abarca, portanto, predominantemente os difamados (...), os sem-instrução, os ignorantes, aos quais, segundo as convicções do tempo, estava fechado o acesso a salvação por causa da ignorância religiosa e do seu comportamento moral”⁴.

Jesus desafiou as autoridades políticas, chegando até a chamar o rei Herodes de raposa (cf. *Lc 13,31-32*); e as autoridades religiosas: “ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam” (*Mt 23,13*). Jesus fazia refeição com os considerados pecadores (cf. *Mt 9,9-13*). Ensinou que a lógica dos seus seguidores deve ser diferente da lógica dos poderosos desse mundo: “os governadores das nações têm poder sobre elas,

e os grandes têm autoridade sobre elas. Entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês” (*Mt 20,25-26*). Ensinou que o que identifica seus discípulos é a capacidade de amar: “se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos” (*Jo 13,35*). Por isso mataram a Jesus, por ter ficado do lado dos pequenos e pobres, porque o Deus que ele revelou se confrontou com o falso deus do templo que alienava o povo. Mas seu Pai o ressuscitou.

E os relatos das primeiras comunidades mostram como a fé no Senhor ressuscitado só fortalecia a ideia da partilha e da solidariedade com os pequenos e pobres: “com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E todos eles gozavam de grande aceitação. Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois, ele era distribuído a cada um conforme a sua necessidade” (*At 4,33-35*).

Cedo se entendeu que “Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante” (*1Cor 1,27-28*). Compreendeu-se que formamos um só corpo, o Corpo de Cristo, por isso devemos sentir as alegrias e as dores uns dos outros (cf. *1Cor 12*; *Rm 12*). Estavam convencidos que “religião pura e sem mancha diante de Deus, nosso Pai, é esta: socorrer os órfãos e as viúvas em aflição, e manter-se livre da corrupção do mundo” (*Tg 1,27*), afinal, “não foi Deus quem escolheu os que são pobres aos olhos do mundo, para torná-los ricos na fé e herdeiros do Reino que ele prometeu àqueles que o amam?” (*Tg 2,5*).

Estava claro que só é possível seguir a Jesus a partir dos últimos desse mundo, porque esse foi o próprio caminho do Senhor.

2 A Igreja de Jesus é Igreja dos Pobres

A Igreja, comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus, não esqueceu por completo esse caminho fundamental do mestre ao longo da história. Sempre houve expressões dessa parcialidade fundamental de Deus pelos pobres. Mas infelizmente, a união com o Império Romano e tantas brigas por poder na Igreja, deixaram à margem esse princípio tão fundamental.

Na Patrística e na Idade Média grandes vozes se levantaram para recordar isso a Igreja. Mesmo assim, ainda que nunca esquecida por completo, essa verdade foi escanteada. No século XX, com o Concílio Vaticano II, houve uma tentativa de retomar de forma consequente essa verdade fundamental e, atualmente, com o papa Francisco, temos um novo reavivamento nesse caminho.

2.1 Renovação conciliar e recepção profética na Igreja latino-americana

Durante o Concílio, um grupo de bispos buscou trazer o tema dos pobres para o centro dos debates conciliares. Os bispos se sentiram impulsionados por uma frase eloquente do papa João XXIII numa mensagem dita um mês antes da abertura do Concílio: “pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”⁵.

Contudo, apesar de tantos esforços, principalmente de nomes como do arcebispo Hélder Câmara, dos cardeais Suenens e

Lercaro, os pobres não estiveram no centro das reflexões conciliares. Porém, os textos do Concílio deram importantes apontamentos para isso: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1); “assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, a Igreja é também chamada a trilhar o mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação (...). Da mesma forma, a Igreja envolve com amor todos os que sofrem. Reconhece nos pobres e nos desvalidos a imagem do seu fundador pobre e sofredor, empenha-se em combater a pobreza e se coloca a serviço dos pobres, como a serviço de Cristo” (LG 8).

Assim, alguns bispos comprometidos com essa profunda convicção evangélica da centralidade dos pobres, assinaram no dia 16 de novembro de 1965, menos de um mês antes da conclusão do Concílio, o chamado ‘Pacto das Catacumbas’, onde se comprometiam em viver a pobreza e em defender os pobres. No dia, assinaram uns 40 bispos; depois se somaram a eles 500. Assim, ao retornarem do Concílio, muitos bispos fizeram reforma agrária em terras de suas dioceses, deixaram os palácios para viver em casas simples, se envolveram cada vez mais nas lutas populares estando junto com o povo.

Mas o que o Concílio não conseguiu abraçar naquele tempo, as Conferências de Medellín e Puebla o fizeram na Igreja da América Latina.

A Conferência de Medellín, na Colômbia em 1968, significou uma recepção criativa do Concílio a partir dos pobres. Estes não foram apenas um tema, mas eixo de todo o planejamento

pastoral. Medellín desejou “que se apresente cada vez mais nítido na América Latina o rosto da Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens” (*DM* 5,15a). Defendeu que “a pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem” (*DM* 14,7). Pois tinha muito claro que “o mandato particular do Senhor, que prevê a evangelização dos pobres, deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados” (*DM* 14,9).

Essa reflexão foi confirmada pela Conferência seguinte que aconteceu no México, na cidade de Puebla em 1979. Puebla afirmou “a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (*DP* 1134). Pois entendeu que “o serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres” (*DP* 1140). Defendeu que o “modelo de vida pobre é exigido pelo Evangelho de todos os que creem em Cristo e, por isso, podemos chamá-lo ‘pobreza evangélica’” (*DP* 1148).

2.2 Francisco e a centralidade dos pobres

Essa reflexão que foi assumida também pelos papas de cada período, ganhou uma força sem igual com o papa Francisco. Ele defende uma “Igreja pobre para os pobres” (*EG* 198), o que implica um duplo movimento. Primeiro, a Igreja deve se tornar mais pobre, deixando o estilo de vida palaciano, seja de seus pastores seja dos

fiéis poderosos. Segundo, implica ser “para os pobres”, isto é, assumir a centralidade dos pobres na sua vida e de suas ações pastorais. Por isso, Francisco também fala de Igreja em saída para as periferias (cf. *EG* 20, 30, 46). É preciso ir ao encontro dos pobres, amá-los, servi-los, aprender com eles.

Assumir a centralidade dos pobres significa compartilhar a sua vida de pobreza. Isso é exigência do próprio seguimento a Jesus. “Tornar-se seu discípulo implica a opção de não acumular tesouros na terra (...). Se não se optar por tornar-se pobre de riquezas efêmeras, poder mundano e vanglória, nunca se será capaz de dar a vida por amor; viver-se-á uma existência fragmentária, cheia de bons propósitos, mas ineficaz para transformar o mundo”⁶.

Para isso, temos que vencer as mentalidades principescas, os estilos mundanos de poder, as estruturas monárquicas que quebram a compreensão que somos todos irmãos. Inclusive, um passo nesse caminho é pedir perdão aos pobres por tanto que os ofendemos e esquecemos. Coisa que Francisco fez de forma profética no *Jubileu das Pessoas Socialmente Excluídas*: “o vosso perdão para homens e mulheres de Igreja que não querem ou não quiseram olhar para vós, é água abençoada para nós; é limpeza para nós; é limpeza para nós; é ajudar-nos a voltar a crer que no coração do Evangelho está a pobreza como grande mensagem, e que nós — católicos, cristãos, todos — devemos formar uma Igreja pobre para os pobres”⁷.

Um momento fundamental ao assumirmos a centralidade dos pobres é entender que eles precisam ser prioridade de nossa ação pastoral e devemos estar dispostos a aprender com eles. Não se trata de fazer uma ‘pobreologia’ ou uma ‘pobreolatria’, como alguns afirmam. Não precisamos fazer dos pobres Deus, pois foi o próprio Deus que se fez pobre em Jesus de Nazaré. Por isso,

“todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197), assim, “a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas” (EG 198). Os pobres “têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG 198).

Dessa forma, é imperativo o convite do Papa de sairmos às periferias, porque Deus está lá. Deus “ultrapassa sempre os nossos esquemas e não lhe metem medo as periferias. Ele próprio se fez periferia (cf. *Fl* 2,6-8; *Jo* 1,14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá o encontraremos: Ele já estará lá” (GE 135). Com isso entendemos que ao Senhor “não o encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indignação, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver”⁸.

Apesar disso, não faltam pessoas que se dizem cristãs, mas não entendem essa parcialidade fundamental de Deus pelos pobres. “Alguns dizem: ‘mas estes sacerdotes, estes bispos que falam dos pobres, dos pobres... Queremos que eles nos falem da vida eterna!’. Olha, irmão e irmã, os pobres estão no centro do Evangelho; foi Jesus quem nos ensinou a falar com os pobres, foi Jesus quem veio para os pobres”⁹.

Além do mais, são eles o critério/protocolo com base no qual seremos julgados pelo Senhor: “quais serão as perguntas que o Senhor nos fará naquele dia: ‘foste à missa? Fizeste uma boa catequese?’. Não, as perguntas são acerca dos pobres, porque a pobreza está no centro do Evangelho”¹⁰. Não há para onde fugir, não há como negar: “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48).

Considerações finais

Nós estamos vivendo um tempo favorável da graça de Deus para assumirmos essa verdade fundamental da nossa fé (a centralidade dos pobres), um verdadeiro *kairós* com o ministério pastoral do papa Francisco. O caminho sinodal que ele propôs para a Igreja é um meio importantíssimo para isso. Contudo, temos de admitir que ainda precisamos de mais lucidez nesse caminho.

É preocupante perceber que, nos debates sobre sinodalidade, os pobres ainda são só um apêndice ou anexo. Se fala do papel das mulheres, da ordenação de diaconisas, da ordenação de homens casados, da participação dos leigos e das leigas nas decisões eclesiais, da acolhida dos LGBTQIAPN+, do cuidado com a Casa Comum. Todos pontos importantíssimo na caminhada sinodal. Contudo, os pobres mal aparecem.

O grupo de excluídos e marginalizados é enorme e não inclui só a dimensão econômica, isso é verdade. Porém, não podemos esquecer que a primeira das opressões, a qual piora todas as outras, é a econômica. As mulheres, os negros, os LGBTQIAPN+ são marginalizados, mas se forem pobres, sua condição de marginalização piora ainda mais. Por isso, nos debates sobre sinodalidade, é importante não perder de vista que o ‘caminhar juntos’ não é de qualquer modo nem para qualquer lugar. É um caminhar com os pobres e em saída para as periferias.

Se a Igreja tiver participação dos leigos nas decisões, eficientes conselhos paroquiais e diocesanos, mas não assumir a centralidade dos pobres, não se preocupar com a transformação da sociedade para que o mundo seja mais justo e fraterno, ela continuará

sendo uma Igreja autorreferencial. Poderá ser até menos monárquica e mais democrática, mas não será evangelicamente sinodal.

Outro passo importante para assumirmos a centralidade dos pobres na vida da Igreja é a proximidade dos pobres. Ficamos muito em discursos e idealismos, às vezes até em melancolias que não ajudam a mudar as coisas. Paramos na crítica à pastoral da Igreja e à organização da sociedade. Não nos preocupamos muito com passos para mudanças. A crítica profética é importante, mas a esperança profética também é. E o caminho para mudar é estar perto dos pobres, acompanhar a vida e a luta dos agricultores, catadores, pescadores, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, ocupações rurais e urbanas etc. Nessa proximidade, usamos a criatividade do Espírito para ensaiar pequenas iniciativas transformadoras na pastoral. Resmungar não constrói o Reino; lançar sementes, sim.

Para isso, também é preciso austeridade e simplicidade de vida. Muitos que têm consciência da centralidade dos pobres, ainda têm um estilo de vida, se não palaciano, ao menos burguês. Para estar com os pobres, precisamos sair de nossas confortáveis casas paroquiais ou casarões particulares, sair dos restaurantes caros, abandonar as viagens luxuosas e mergulhar no mundo dos pobres.

Por isso, é fundamental assumir esse apelo profético do papa Francisco, que é um verdadeiro apelo do Espírito: “saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! (...). Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49).

Notas

- 1 _____ CROATTO, J. S. (1985). *Hermenêutica bíblica: Por uma teoria da leitura como produção de significado*. Trad. Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, p. 47.
- 2 _____ ZENGER, E. (2003). “Peculiaridade e importância da sabedoria em Israel”. In: ZENGER, Erich (org). *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, p. 162. (Coleção Bíblica Loyola).
- 3 _____ HESCHEL, A. J. (1973). *Los profetas I: el hombre y su vocación*. Trad. Víctor A. Miralman. Buenos Aires: Paidós, p. 36.
- 4 _____ JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento* (2008). São Paulo: Hagnos, p. 180.
- 5 _____ JOÃO XXIII, PP. (2007). “Mensagem radiofônica a todos os fiéis”, 11 de setembro de 1962. In: *Vaticano II: Mensagens, Discursos, Documentos*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, p. 23.
- 6 _____ FRANCISCO, PP. (2021). *VMensagem para o Dia Mundial dos Pobres*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html>.
- 7 _____ FRANCISCO, PP. (2016). *Discurso aos participantes no Jubileu das Pessoas Socialmente Excluídas*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161111_giubileo-senza-fissa-dimora.html.
- 8 _____ FRANCISCO, PP. (2016) *V Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres*. *Op. cit.*
- 9 _____ FRANCISCO, PP. (2020). *Ângelus*, 15 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201115.html.
- 10 _____ FRANCISCO, PP. (2015). *Visita à Igreja Evangélica e Luterana de Roma*, 15 de Novembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151115_chiesa-evangelica-luterana.html.

Joaquim Jocélio de Sousa Costa



Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte no Estado do Ceará (Brasil). Graduado em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Voluntário da Cáritas Diocesana e animador da Escola de Fé e Cidadania São Romero. Assessor das pastorais e colunista do Portal das Comunidades Eclesiais de Base (CEB).

É autor pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) do livro *Igreja da comunhão e da partilha: estudo sobre a coleta para os pobres de Jerusalém em 2Cor 8-9*. Também é autor de artigos teológicos como “Voltar a Tradição: a opção pelos pobres nos Padres da Igreja”; “A profecia na Igreja Medieval”; “10 anos do papa Francisco: a chuva esperada que fecunda o chão”, dentre outros.

“Desejo uma Igreja pobre para os pobres (...) A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no do caminho da Igreja” (EG 198). Essa reflexão feita pelo papa Francisco, e repetida tantas vezes nestes anos do seu ministério pastoral, apenas reafirma algo que é uma verdade fundamental da fé: a centralidade dos pobres na vida da Igreja.

Desse modo, desejamos desenvolver esta reflexão sobre a centralidade dos pobres na vida da Igreja, explicitando seu fundamento, que é Jesus de Nazaré. Apresentaremos, em seguida, o processo eclesial de retomada dessa centralidade dos pobres na história recente. Depois tiramos algumas conclusões sobre desafios atuais para assumirmos um autêntico compromisso com os pobres.



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

ISBN: 978-9915-9699-5-4



9 789915 969954